

artigo

Arquitetura e urbanismo na América Latina na revista *L'Architecture d'aujourd'hui* entre 1945 e 1958

Dinalva
Derenzo
Roldan

Este artigo procura identificar a presença da arquitetura e urbanismo na América Latina na influente revista francesa *L'Architecture d'aujourd'hui*, que se propunha a difundir o ideário modernista entre os anos de 1945 e 1958. Busca-se, ainda, perceber como a América Latina foi lida a partir do "olhar estrangeiro", e como suas diferenças foram articuladas.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura na América Latina; urbanismo na América Latina; revistas de arquitetura.

ARQUITECTURA Y URBANISMO EN AMÉRICA
LATINA EN LA REVISTA *L'ARCHITECTURE*
D'AUJOURD'HUI ENTRE 1945 Y 1958

Este artículo busca identificar la presencia de la arquitectura y del urbanismo en América Latina, entre los años 1945 y 1958, desde la perspectiva de la influyente revista francesa *L'Architecture d'aujourd'hui*, que tenía como propósito difundir el ideario modernista en dichos años. De ese modo, se busca percibir cómo América Latina fue leída tras una "mirada extranjera", y cómo sus diferencias fueron articuladas.

PALABRAS CLAVE: arquitectura en América Latina; urbanismo en América Latina, periódicos de arquitectura.

ARCHITECTURE AND URBANISM IN LATIN
AMERICA IN *L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*
BETWEEN 1945 AND 1958

This paper intends to identify the presence of the architecture and urbanism from Latin America in the French periodical *L'Architecture d'aujourd'hui*, responsible for disseminating modernist ideas, between 1945 and 1958. Moreover, this article intends to reveal how Latin America was seen, by the "foreign view", and how its differences were articulated.

KEYWORDS: architecture in Latin America; urbanism in Latin America; periodical of architecture.

1. Introdução

A proposta de trabalhar com a história da arquitetura e urbanismo na América Latina¹ impõe alguns desafios. Dentre eles está o modo de analisar um conjunto de realizações, problemáticas e ideários que não sejam um conjunto de histórias nacionais que comporiam a "América Latina". Mais do que um espaço geográfico demarcado, a ideia de América Latina é ela mesma construída por tensionamentos geopolíticos que são rearticulados dentro dos diferentes campos disciplinares.

No campo da arquitetura e urbanismo, Marco Aurélio Gomes (2009) aponta uma lacuna historiográfica de estudos que abordem a América Latina, ou ainda, o trânsito de ideias e trocas intelectuais neste âmbito, procurando analisar problemas comuns que se colocam simultaneamente a países diversos. De outro modo, Nelci Tinem (2002) procura analisar o lugar da arquitetura brasileira na historiografia da arquitetura moderna a partir das construções ou do "olhar estrangeiro", revelando o papel das revistas internacionais na divulgação das obras e na construção de certas narrativas com relação a elas. Há ainda outras proposições que buscam possibilidades interpretativas através da "troca de olhares" (GOMES, 2009) ou ainda de um "olhar latino-americano".

Este artigo procura mapear a presença da arquitetura e do urbanismo na América Latina na influente revista francesa *L'Architecture d'aujourd'hui*, que se propunha difundir o ideário modernista entre os anos de 1945 e 1958, perscrutando como se deu a difusão das obras latino-americanas. Busca-se, ainda, perceber como a América Latina foi lida, a partir do "olhar estrangeiro", e como suas diferenças foram articuladas. Neste sentido, busca-se compreender o olhar do outro, permitindo cruzamentos posteriores de olhares.

2. A formação da revista *L'Architecture d'aujourd'hui* e o desenho de sua estrutura

A revista francesa *L'Architecture d'aujourd'hui*, reconhecida como uma das influentes revistas de arquitetura, dedicou-se a difundir as obras de arquitetura moderna no plano internacional assim como o debate sobre elas. Ela surgiu em meio ao contexto de organização do primeiro CIAM — Congresso Internacional de Arquitetura Moderna — em 1928, por Le Corbusier, e a formação da *Union des Architectes Modernes* em 1929. A revista foi fundada em 1930 por André Bloc (1886-1966) junto com Marcel Eugène

ne Cahen (1883-1930), ambos engenheiros formados pela *École Centrale Paris*. Bloc foi também escultor e artista plástico e Cahen dedicou-se a sua galeria de arte *La Harpe*. Após a morte precoce de Cahen no ano de fundação da revista, o arquiteto húngaro radicado na França Pierre Vago (1910-2002) juntou-se à revista (RAGOT, 1990).

A revista foi estruturada com André Bloc, em sua direção, e Pierre Vago, como redator chefe contando ainda com um *comité de patronage* e uma série de correspondentes internacionais. Em entrevista a Gilles Ragot, Pierre Vago comenta sobre o funcionamento da revista nos anos 1930 e 1940, apontando o papel de Bloc como responsável pela impressão, pelo contato com os arquitetos e pela intermediação com os redatores; esclarece também a organização do comitê de redação dirigido por Pierre Vago e composto por Marcel Roux, arquiteto, Henri Storage, urbanista, René Drouin, responsável pela parte de decoração, E. Menkès — e depois André Hermant — responsável pela sessão de técnicas. O *comité de patronage*, que contou com mais de 40 membros, funcionava como os "ouvidos" da revista. Composto por arquitetos, intelectuais e artistas era responsável por discutir o programa da revista e fazer a crítica à ela e se organizava a partir de encontros regulares. A revista contava também com uma rede de correspondentes estrangeiros composto por jovens que haviam estudado na França e voltado a seus países, o que, segundo Vago, assegurou o caráter internacional da revista. No início, contava com cinco correspondentes e rapidamente expandiu para vinte e cinco, dispersos em diversos países. Entre os correspondentes encontravam-se Siegfried Giedion, Erno Golfinger e Bruno Taut.

Durante a Segunda Guerra Mundial a publicação da revista foi interrompida. Muitos de seus membros foram dispersos pela zona livre na França ou ainda deportados. Foi somente com o fim da guerra que André Bloc retomou a publicação da revista juntamente com Pierre Vago, que se manteve como redator-chefe até 1975². Foi neste contexto que a revista reiniciou a numeração de suas edições e passou, a partir de 1946, a contar com Alexandre Persitz (1910-1975) como secretário-geral da revista — que até 1958 permaneceria sem alternâncias. Configurou-se, assim, os três nomes-chaves da revista: André Bloc, Pierre Vago e Alexandre Persitz.

Observa-se ainda que, após 1945, a rede de correspondentes internacionais foi sendo ampliada. Além dos países europeus, Estados Unidos e União Soviética, havia correspondentes nos países do norte da África — Argélia, Tunísia, Marrocos —, África do Sul e, desde a primeira hora, Brasil. Gradativamente a rede ampliou-se: em 1947,

Rodolfo Möller passa a ser o correspondente da Argentina, e em 1948 já se podia notar a presença de correspondentes no Oriente Médio — Egito, Palestina, Síria e Líbano —, além de Nova Zelândia e mais um país latino-americano, o México com Vladimir Kaspé. Em 1950, a rede latino-americana se diversificou contando com Carlos Raúl Villanueva como correspondente da Venezuela. Em 1955, a Colômbia foi inserida à rede e dois anos depois, o Uruguai. A rede latino-americana de correspondentes configurou-se, portanto, entre 1945 e 1958, sucessivamente com: Brasil (1946), Argentina (1947), México (1948), Venezuela (1950), Colômbia (1955) e Uruguai (1957)³.

3. A presença latino-americana na revista

A retomada da revista em 1945 ocorreu em meio a reorganização política da França após os anos de ocupação alemã e os esforços de reconstrução do segundo pós-guerra, entre os quais a criação do Ministério de Reconstrução e do Urbanismo, colocando em pauta a reestruturação das cidades, assim como o enfrentamento da questão habitacional. O editorial do número 1 da revista *Construire la France* expressa, então, o compromisso da revista e da arquitetura moderna com o projeto de reconstrução (COMITÉ DE REDACTION, 1945). Este número traz uma retrospectiva do papel da revista entre os anos 1930 e 1945 de embate pela arquitetura moderna e a nova perspectiva e função que esta assumiria nos anos de reconstrução, fazendo um apelo ao desenvolvimento da arquitetura a "serviço do homem".

Houve nos anos imediatos após a guerra uma discussão frequente sobre urbanismo, apresentando debates e concepções variadas sobre o tema, sobretudo entre arquitetos e urbanistas franceses, assim como artigos que expunham, por exemplo, a experiência do urbanismo inglês pautado no Plano de Londres de 1943 e a discussão sobre as *New Towns*. No plano arquitetônico, a questão da habitação foi recorrente e tematizada a partir do programa do conjunto habitacional.

Vale mencionar que os números da revista foram organizados por programas arquitetônicos e por edições temáticas. As edições dedicadas aos programas arquitetônicos intercalavam os temas: Habitação Individual, Habitação Coletiva, Construções Escolares, Saúde Pública, Construções Esportivas, Equipamentos da Habitação, Técnicas e Materiais. Junto a isso eram apresentadas as edições temáticas sobre a arquitetura de um país ou região — como o caso da América Latina, mas também da

própria Europa e do Marrocos, por exemplo —, a produção de um arquiteto específico — como Richard Neutra, Walter Gropius e Mies van der Rohe —, ou ainda uma questão específica como a reconstrução da França ou o planejamento regional na Europa.

A arquitetura produzida na América Latina é então apresentada dentro desta estrutura da revista, por vezes através de uma discussão programática em que os exemplares na América Latina são incluídos em uma perspectiva internacional, por vezes como tema de um número dedicado a um país ou ainda a própria América Latina. É ainda importante ressaltar que a difusão desta arquitetura vem marcada pelas questões e objetivos que a revista toma partido. A presença brasileira é notável entre os artigos divulgando ou discutindo arquitetura latino-americana. Já em 1947 foi lançada uma edição especial sobre o Brasil (*L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*, 1947, n.13-14) em que Alexandre Persitz analisava a arquitetura brasileira a partir do barroco, seguido de artigo de Lúcio Costa e Paul Wiener sobre o pavilhão do Brasil na exposição de Nova York de 1939. Nesta edição a ênfase recaiu sobre o edifício do Ministério de Educação e Saúde, assim como a participação de Le Corbusier neste momento considerado de renovação arquitetônica, e sobre as obras de Niemeyer para a Pampulha. Por fim, foi apresentado primeiro experimento de José Luis Sert e Paul Wiener, a Cidade dos Motores no Rio de Janeiro. A seleção das obras dos arquitetos brasileiros apresentada nesta edição vai ao encontro daquela difundida internacionalmente pelo livro de Goodwin (1943) que havia sido lançado paralelamente à exposição no MOMA, *Brazil Builds*, ocorrida em 1942.

Em 1948, foi lançada a edição temática sobre habitação coletiva (*L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*, 1948, n.16) em que muitas das experiências brasileiras e algumas argentinas foram apresentadas. Tratava-se de imóveis residenciais que davam ênfase à verticalização nas cidades de Buenos Aires com obras de Wladomiro Acosta e Amancio Williams; no Rio de Janeiro, com exemplares dos irmãos Roberto — Marcelo, Milton e Mauricio Roberto —, o Parque Guinle de Lucio Costa e Oscar Niemeyer e ainda um projeto de Vital Brazil; e em São Paulo, apresentava edifícios projetados por Henrique Mindlin, Helio Uchoa e o edifício Prudência, de Rino Levi. Em 1950, em outra edição temática sobre habitação coletiva (*L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*, 1950, n.31) houve uma ampliação do quadro latino-americano, apresentando projetos residenciais no México (de Mario Pani, Salvador Torres, José Gutierrez e Jenaro Rosenzweig), na Venezuela (de Carlos Raúl Villanueva) e em Cuba (de Gaston, Dominguez e Junco), além

A partir de uma
visão panorâmica,
pode-se
identificar os
temas frequentes
em que as obras
realizadas na
América Latina
são apresentadas

de outros projetos residenciais em São Paulo (de Rino Levi e Roberto Cerqueira César) e Buenos Aires (dos arquitetos Catalano, Greco, Degiorgi e Laucher). Este conjunto apareceu em número restrito frente às experiências inglesas que foram apresentadas sob a temática colocada por Erno Goldfinger: o problema da habitação na Grã-Bretanha. Nesta edição percebe-se o deslocamento da atenção do edifício multifamiliar isolado para um conjunto de edificações habitacionais, ora chamado de grupo de imóveis ou grupo de habitação, ora de unidade residencial.

Em 1951, a revista lançou uma edição especial dedicada ao urbanismo na América Latina (*L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*, 1951, n.33), na qual foram apresentados os projetos da *Town Planning Associates* (TPA) na Colômbia e no Peru; o de Affonso Eduardo Reidy no Brasil, especificamente o Pedregulho; o trabalho de Maurice Rotival sobre o urbanismo em Caracas, e o Plano Diretor de Bahia Blanca na Argentina. Este número dedicado à arquitetura e ao urbanismo na América Latina coincidiu com a realização do oitavo CIAM, presidido por José Luis Sert, que colocou em pauta as experiências realizadas pelo TPA na América Latina.

Em 1952, foi lançada a segunda revista dedicada à arquitetura brasileira (*L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*, 1951, n.42-43). Os artigos de Giedion e Lucio Costa abrem a sessão temática tratando da contribuição dos arquitetos brasileiros. Nesta edição, ao invés do barroco aparece o regionalismo de José Lins do Rego, sendo tratado em paralelo à obra de Burle Marx sobre a paisagem. A apresentação da obra do Pedregulho e o conjunto residencial de Paquetá de Francisco Bolonha também aparecem sob a ótica de Giedion. As obras de Henrique Mindlin, dos irmãos Roberto e de Eduardo Kneese de Mello também foram apresentadas nesta edição.

Na edição temática "Arquitetura contemporânea no mundo" de 1954 (*L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*, 1954, n.52) nota-se a presença da arquitetura brasileira com, mais uma vez o projeto do Pedregulho, o projeto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, projeto residencial de Niemeyer em Belo Horizonte, além de projetos de Sérgio Bernardes, Burle Marx, Rino Levi e Roberto

Cerqueira César. Há ainda menção à Cidade Universitária de Caracas, de Carlos Raúl Villanueva, com enfoque na síntese das artes apresentando esculturas e pinturas que compõem suas edificações.

A arquitetura mexicana teve destaque na edição especial de 1955 (*L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*, 1955, n.59), em que foram abordadas questões específicas da cultura e expressão mexicanas, impressões de viajantes sobre o país e discussões sobre planificação. Trazia também a apresentação de obras arquitetônicas, com ênfase para a Cidade Universitária e o Centro Urbano Presidente Juárez, ambas com participação do arquiteto Mario Pani, finalizando com uma discussão acerca do ensino de arquitetura no México.

No ano seguinte, em 1956, a revista publicou uma edição especial com o título "Califórnia, Venezuela, construção em países quentes" (*L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*, 1956, n.67-68). Enfatizavam-se obras realizadas na Califórnia, em particular, as de Richard Neutra, com uma gama variada de programas. Houve também um grande destaque para a arquitetura na Venezuela, em especial para o programa habitacional do *Banco Obrero*, realizado por vários arquitetos, entre eles Carlos Raúl Villanueva. Sob a designação "construção em países quentes", foram apresentadas obras no México, Brasil e Índia, enfatizando as construções da nova capital indiana, Chandigarh, e trazendo textos e obras de Le Corbusier e Pierre Jeanneret.

Em 1958, foi lançada a edição temática "Urbanismo" (*L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI*, 1958, n.80). O foco foi a França e as propostas de planejamento regional, construção de novas cidades, ou cidades-satélites, e a construção dos grandes conjuntos — aqui nomeados já como *grands ensembles*. Dentro desta temática foi apresentada Brasília, as intenções no memorial do projeto de Lucio Costa para o concurso, a apresentação do Plano Piloto, assim como algumas das obras de Niemeyer. Nesta edição há destaque também para o urbanismo na Colômbia — ou suas primeiras realizações, como diz o editorial —, apresentando-se os planos diretores para Bogotá e Medellín. É preciso mencionar ainda a apresentação do Plano de ordenamento para a zona sul de Buenos Aires, dos arquitetos Antonio Bonet, Baliero, Gurevich, Polledo, Poyard, Sugall, Vapnarsky e Yantorno.

Assim, a partir de uma visão panorâmica, pode-se identificar os temas frequentes em que as obras realizadas na América Latina são apresentadas. As habitações individuais abordam o desenvolvimento da obra de arquitetos individuais e suas renovações. O tema da habitação coletiva é significativo. Pode-se observar as experiências de edifícios multifamiliares isolados até a discussão de um agru-

pamento maior, ora chamados de Unidades Residenciais ou até Conjuntos Habitacionais, remetendo a uma problemática sensível para o movimento moderno e urgente nas cidades latino-americanas. Se podemos falar de um programa peculiar à América Latina neste período, este refere-se às Cidade Universitárias elaboradas como experimentos de urbanismo modernista, tendo como exemplares especificamente a Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), na Cidade do México, com projeto coordenado por Mario Pani; Universidade Central da Venezuela (UCV), em Caracas, de Carlos Raúl Villanueva, e a Cidade Universitária do Rio de Janeiro, de Jorge Machado Moreira. Por fim, o urbanismo discutido inicialmente como uma questão, passa a ser apresentado por experimentos de projetos de novas cidades e planos urbanos e culmina na concretização de Brasília. O urbanismo na América Latina é tratado em paralelo à problemática na França, passando das concepções de urbanismo funcionais à reconstrução das cidades, enfrentando o problema habitacional e terminando em termos de um planejamento regional que incorpora o desenho de cidades-satélites no final dos anos 1950.

Nota-se que a divulgação e o destaque à arquitetura e ao urbanismo na América Latina neste período se fazem por edições especiais: duas delas dedicadas à arquitetura brasileira, uma à mexicana e outra edição ao urbanismo na América Latina. Contudo, também é notável a presença das obras latino-americanas no expediente da revista em números dedicados à habitação coletiva, à arquitetura contemporânea no mundo ou ainda ao urbanismo, em que estas experiências aparecem compondo um conjunto maior de realizações da arquitetura moderna, que buscava afirmar seu caráter internacional. Sobre este aspecto, pode-se vislumbrar o papel dos correspondentes internacionais na estrutura da revista.

Segundo Cappello (2005), desde 1947, quando Alexandre Persitz assumiu a função de redator-chefe, "cadernos inteiros eram confiados a tal ou tal pessoa, quase sempre um arquiteto particularmente interessado pelo tema; mas mais da metade dos números eram concebidos e realizados inteiramente por Persitz" (CAPPELLO, 2005, p.30). A autora analisa a relação com os correspondentes, revelando que com um ano de antecedência desenhava-se o plano da publicação e o difundia entre os correspondentes, para que eles enviassem os materiais segundo os temas acordados. Deste modo, a divulgação de obras latino-americanas relaciona-se diretamente com a capacidade da direção da revista de estabelecer esta rede de correspondentes, assim como a própria inserção destes nos meios locais de cada país.

Observa-se nos anos de 1947 e 1948 a preponderância da arquitetura brasileira e argentina. O primeiro número especial sobre o Brasil, de 1947, tem a colaboração da arquiteta brasileira de origem polonesa Maria Laura Osser como correspondente. Osser se graduou na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Iniciou suas atividades como desenhista em escritórios em São Paulo antes mesmo de completar sua graduação, trabalhando nos escritórios de Lucjan Korngold, Francisco Beck e Henrique Mindlin e depois transferiu-se para a sede do Rio de Janeiro (FALBEL, 2005). Desse modo, pode-se entrever sua inserção nos grupos do Rio de Janeiro e São Paulo.

Nesta mesma edição, de 1947, aparece pela primeira vez Rodolfo Möller como correspondente argentino. Segundo Aparicio (2005), Möller havia conhecido Bloc e Le Corbusier em 1937 em uma viagem à França que realizara ao final de sua formatura junto a alguns colegas de faculdade, dentre eles Jorge Ferrari Hardoy (1914-1977) e Juan Kurchan (1913-1972). Estes últimos permaneceriam mais um ano na França trabalhando no escritório de Le Corbusier, preparando as linhas gerais de um plano diretor para Buenos Aires. Naquela ocasião os argentinos conheceram o arquiteto espanhol Antonio Bonet, que em 1939 migraria para a Argentina, e juntos montariam o Grupo Austral (LIERNUR, 2012). No final dos anos 1940, Bloc decidiu criar uma edição da revista em língua espanhola diante do aumento do número de assinantes latino-americanos (CAPPELLO, 2005). A revista então intitulada *La Arquitectura de Hoy* era impressa em Buenos Aires e contava com a direção de Möller. Com periodicidade mensal, foram publicados catorze números de janeiro de 1947 a fevereiro de 1948. Segundo Aparicio (2005) as edições francesa e argentina eram similares, mas apresentavam algumas diferenças. Ele avalia que a edição argentina "publicava e aprofundava mais sobre as obras de arquitetura latino-americana" (APARICIO, 2005, p.20, tradução nossa). Um episódio relevante sobre as diferenças das edições diz respeito ao número 4 de *La Arquitectura de Hoy* de abril de 1947, em que foi publicada uma versão do Plano Diretor de Buenos Aires. Tratava-se de um trabalho que se desenrolava há dez anos entre Le Corbusier e o grupo Austral, e que foi publicado unicamente pela revista, segundo Liernur (2012), de maneira simplificada e expressamente desautorizada por Le Corbusier.

Na edição sobre a habitação coletiva de 1950 a experiência latino-americana é diversificada, contando com Vladimir Kaspé (1910-1996) e Carlos Raul Villanueva (1900-1975) como correspondentes do México e Venezuela, res-

pectivamente. Villanueva foi um arquiteto venezuelano nascido na Inglaterra, graduou-se pela *École des Beaux-Arts* de Paris em 1929, ano em que se estabeleceu em Caracas, e logo começou a trabalhar no Ministério de Obras Públicas e depois no *Banco Obrero*, instituições em que realizou grande parte das obras de habitação coletiva divulgadas pela revista. Kaspé foi um arquiteto russo naturalizado mexicano, que estudou na *École des Beaux-Arts* de Paris em 1929, onde conheceu Mario Pani (1911-1993). Pani o convidou para assumir o posto de chefe de redação da revista *Arquitectura* que havia fundado no México, o que viabilizou a migração de Kaspé para o país em 1942. A edição especial da revista sobre o México (1955), dirigida por Alexandre Persitz, contou com a colaboração ativa de Kaspé como assistente de redação.

Nota-se, portanto, que a presença latino-americana na revista, através da difusão das obras e projetos de arquitetura e urbanismo realizados na América Latina, é ampliada e diversificada pela presença dos correspondentes latino-americanos. Estes, por vezes, foram estudantes em Paris e voltaram aos seus países, ratificando o relato de Pierre Vago; mas também, nota-se entre eles, e com frequência, europeus que migraram para os países latino-americanos, ou ainda latino-americanos em viagem à Europa como parte de sua formação, um expediente rotineiro no período. A presença nas obras na revista, assim como sua seleção, relacionava-se ainda com o modo de inserção destes correspondentes em cada país.

4. América Latina prismática

É interessante, ainda, analisar como a revista através de seus editoriais e artigos buscou compreender a América Latina como um conjunto, contribuindo para a construção de sua imagem para além da apresentação de projetos arquitetônicos e urbanísticos realizados neste outro território. Entre 1945 e 1958, há dois artigos que tratam do tema de maneira abrangente: um deles, refere-se ao editorial de André Bloc de 1947; o outro, um artigo de Paul Leste Wiener e José Luis Sert, de 1951, que abria a edição temática sobre urbanismo na América Latina.

O número 10 da revista, publicado em março de 1947, traz o editorial de Bloc intitulado *Amérique Latine*, no qual o autor procura reafirmar o elo entre a França e os países "sul americanos". Por um lado, enaltece os "países jovens" por sua coragem em correr riscos e inovar, em contraste a um "caminho rotineiro". Por outro, evoca a figura de Le Corbusier como "o grande nome respeita-

do por toda a América" (BLOC, 1947, s.p., tradução nossa). Na sequência, o autor passa a tratar do Brasil, especificamente do edifício do Ministério da Educação e Saúde, chamando a atenção para as soluções modernas da construção: edifício sob pilotis, as fachadas de pano de vidro e o uso do *brise-soleil* e seu efeito plástico. Tratava-se de reafirmar a presença de Corbusier na experiência de renovação arquitetônica no Brasil.

Contudo, havia outros franceses no Brasil, sobretudo no campo do urbanismo. O plano de Alfred Agache para o Rio de Janeiro também é mencionado por Bloc, ainda que de maneira não exitosa, uma vez que havia sido abandonado. Neste ponto, o artigo passa a tratar dos problemas urbanos e da falta de disciplina urbanística sobre as construções, mencionando os problemas de circulação, insolação nas ruas estreitas e ausência de áreas verdes, aproximando uma leitura do Rio de Janeiro e Buenos Aires. Partindo de uma crítica às grandes operações de circulação, mencionando os "fantasmas de Haussmann", Bloc advoga por um plano urbano de conjunto.

Ainda segundo a argumentação do autor, as cidades passam a ser analisadas por sua relação com a paisagem, tratando não apenas do Rio de Janeiro e sua relação com o mar, mas também de Buenos Aires e sua relação com o Rio da Prata. Aborda-se a forma de ocupação da cidade em função da paisagem: enquanto no Rio a falta de controle urbanístico havia permitido a construção dos edifícios, formando uma "parede" que sombreava a praia, em Buenos Aires a cidade dava "às costas" à orla fluvial. Ainda que a paisagem apresentasse grandes potencialidades, seria preciso renovar o urbanismo para que outra relação fosse estabelecida.

A partir deste quadro, Bloc olha com otimismo para a América do Sul, vislumbrando um "entusiasmo" na arquitetura e nas expectativas de um novo urbanismo. Simultaneamente, ele lança uma dura crítica ao modo como a reconstrução das cidades e o trabalho do arquiteto estavam sendo pautados na França sem um plano de conjunto eficaz, e termina seu texto exaltando: "Enquanto o mundo todo tem na mais alta estima o gênio francês, estaremos nós prontos a traçar as vias do porvir ou nos permitiremos recusar?" (BLOC, 1947, tradução nossa).

A imagem da América Latina construída pelo editorial vinculava-se a uma experiência bastante restrita de parte da costa Atlântica centradas nas cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires. Nesta edição não há menção ao correspondente da revista na Argentina, mas a versão espanhola *La Arquitectura de Hoy* já estava sendo publicada em Buenos Aires, e no mês seguinte seria

Experiências colocaram os arquitetos em contato direto com estes novos territórios

publicado o Plano de Buenos Aires. Entretanto, a divulgação do plano não ocorreu na edição francesa, provavelmente por Le Corbusier não ter autorizado. De todo modo, é difícil não remeter a leitura de Bloc às impressões de viagem de Le Corbusier à América do Sul em 1929, que difundia uma leitura crítica do "estado da arte" das cidades — Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro e Montevideu — e esboçava esquemas de cidade em que se aludia à paisagem como forma de leitura do local ou até mesmo como uma certa acomodação de uma nova arquitetura ao lugar. No texto de Bloc, a referência ao passado colonial se faz pela imagem do cadinho cultural de raças, que teria produzido homens "entusiastas" com o futuro, e poderíamos dizer, receptivos às renovações da arquitetura moderna. Mas não há qualquer menção a uma cultura construtiva local ou mesmo a traços urbanísticos coloniais que se adaptavam às condições do clima ou mesmo à geografia. Por fim, o texto termina advogando por um espaço para a arquitetura e urbanismo modernos no esforço de reconstrução da França, tendo as experiências e o apoio dos arquitetos latino-americanos como precedências bem-sucedidas.

É no texto de abertura da edição temática "Urbanismo na América Latina", de janeiro de 1951, que Paul Lester Wiener e José Luis Sert procuram traçar um quadro geral sobre a América Latina e as condições para um novo urbanismo. Vale mencionar que Wiener, arquiteto alemão naturalizado norte-americano, e Sert, espanhol radicado nos Estados Unidos, desde 1945 atuavam juntos na *Town Planning Associates*, com sede em Nova York, e desenvolviam projetos urbanísticos em alguns países da América Latina, como a Cidade dos Motores no Estado do Rio de Janeiro (1945) e, até a edição de 1951, projetos para Lima e Chimbote no Peru e Tumaco e Medellín na Colômbia. Estas experiências colocaram os arquitetos em contato direto com estes novos territórios, além de permitir um relacionamento direto com algumas instituições locais de ordenamento territorial e estudos específicos, tanto econômicos quanto culturais, da região.

O artigo inicia anunciando a necessidade de compreender a cultura, a geografia e a economia da América Latina.

A compreensão da América Latina, em seu conjunto, e de seus problemas urbanísticos em particular, necessitará de um estudo aprofundado da história de sua cultura, de sua geografia e de sua economia, estudo a ser realizado em função dos desenvolvimentos dinâmicos atuais. (WIENER; SERT, 1951, p.4, tradução nossa).

O texto estrutura-se segundo os tópicos: topografia, histórico, a via social, a influência europeia, fatores de transformação, elementos essenciais dos programas, legislação do urbanismo, e por fim, o novo urbanismo. Com relação à topografia, os autores referem-se mais precisamente à costa oeste do continente, em cidade situadas à beira do Pacífico — Tumaco, Chimbote e Lima — e concomitantemente à cordilheira que acompanha a costa separando a área litorânea — muitas vezes seca, com áreas desérticas — do interior montanhoso e recoberto de mata equatorial. Além das condições climáticas e topográficas, os autores comentam sobre as especificidades da população indígena. Citando o trabalho de Carlos Dávila⁴, *We of the America* (1949), Wiener e Sert recorrem ao momento da colonização para argumentar sobre o lugar da América Latina no imaginário europeu:

Cegados por suas concepções clássicas, eles [colonizadores] julgaram absurdo tudo aquilo que fora estranho à Europa. Toda outra forma de atividade ou de civilização não seria simplesmente diferente, ela seria inferior. Este conceito ainda pesa sobre nosso meio e ainda se pode sentir sua influência sobre alguns de nossos arquitetos e urbanistas considerados entre os mais avançados. (WIENER; SERT, 1951, p.4, tradução nossa).

Assim, os autores procuram reconhecer valores "locais" tanto na cultura indígena quanto nos aspectos adaptativos do período colonial para elaborar as necessidades da população.

Esta cultura antiga faz surgir, atualmente, os problemas complexos. As populações indígenas constituem ainda, de fato, uma maioria profundamente enraizada em seus costumes que sobreviveram às leis rígidas da era colonial e às repressões periódicas. É impossível vislumbrar um *planning* qualquer que seja nestes países sem um estudo prévio das necessidades essenciais de seus povos. (WIENER; SERT, 1951, p.5, tradução nossa).

Por outro lado, os autores veem uma "influência europeia" enraizada nas colônias espanholas e portuguesas e interpretam que a tradição popular e os costumes locais estariam adaptados às concepções urbanísticas do perí-

odo colonial, dando como exemplo a praça central, onde se concentrariam as instituições públicas, amalgamando um imaginário e um programa para o "centro cívico".

Na sequência, os autores passam, então, a elencar e elaborar os "elementos essenciais para os programas" de projetos urbanos. Estes elementos são extraídos, sobretudo, das experiências de Chimbote, Lima, Medellín e Tucumán e se organizam em nove pontos:

1. Propõe um zoneamento pelas quatro funções: habitação, atividade profissional, lazer e circulação.
2. Novo módulo destinado a facilitar a organização das células e das unidades residenciais.
3. Programa de instalação e distribuição dos serviços, sobretudo os sanitários, e organização dos equipamentos educativos.
4. Necessidade de um programa de planejamento social.
5. Serviços de interesse público: água, esgoto e destinação de lixo.
6. Necessidade de impedir o crescimento excessivo das cidades e controlar o perímetro urbano.
7. Necessidade de estudo da rede viária, constituindo a hierarquia viária e plano de fases de implantação em função do desenvolvimento da cidade.
8. Utilização de materiais locais e aplicação do método construtivo local para se adaptar às exigências da construção moderna.
9. Reorganizar os centros das cidades, com traços do período colonial, em centros públicos modernos.

Assim, Wiener e Sert estabelecem os pontos para um "novo urbanismo", fazendo considerações sobre aspectos próprios de cidades latino-americanas e mantendo o ideário modernista. A proposta de zoneamento pelas quatro funções urbanas é claramente a concepção expressa na Carta de Atenas, ainda que com certa redução pragmática em relação ao item "cultivar o corpo e o espírito". Dentro de uma leitura de que o uso do carro e do ônibus estava aumentando nas cidades, há a prescrição de estudo de ordenamento viário pensado como conjunto e não apenas como abertura de grandes vias. A demanda por este estudo expressava também uma característica dos locais em que estavam atuando: crescimento horizontal e disperso das áreas urbanas. Os pontos do "novo urbanismo" são bastante conhecidos do ideário modernista — inclusive com a participação de Sert em sua construção —, mas a partir da leitura das cidades latino-americanas dois aspectos chamam atenção. O primeiro deles diz respeito ao emprego de mate-

riais e métodos construtivos locais, que seriam notados no uso dos tijolos, nos recursos de ventilação direta e constante e ainda na solução projetual dos pátios internos, que seria amplamente utilizada por Sert ao longo de sua carreira. O segundo diz respeito à leitura da praça colonial espanhola, onde se concentram as edificações de função coletiva — igrejas, prédios públicos e os passeios —, que se tornaram os espaços de encontro e manifestações. Wiener e Sert, negociando com o legado colonial, viam nestes lugares o programa do "centro cívico", que não apenas estaria presente em muitos de seus projetos como passaria a ser o tema no CIAM daquele mesmo ano. O evento, que aconteceria em Hoddesdon, na Inglaterra, trouxe à discussão casos de vários países, incluindo o plano de Chimbote.

Observa-se, portanto, a partir dos dois artigos, imagens da América Latina sob prismas diferentes. Ainda que ambos tratem da paisagem, entendida em seus critérios climáticos e geográficos, ficando implícita a questão da acomodação do ideário moderno às especificidades locais, observa-se a construção de uma América Latina com paisagens muito variadas e nada desprezíveis para os programas arquitetônicos e urbanísticos. A variação da paisagem da costa Atlântica, e das cidades localizadas junto às baías e deltas fluviais, no caso da costa do Pacífico acompanhada pela cordilheira, também produz imagens diferentes. As imagens construídas não se relacionam apenas com o "olhar estrangeiro" de cada ator, mas também com seus diferentes modos de inserção. Se o olhar de Bloc volta-se para a costa Atlântica e especificamente para as experiências de Le Corbusier no Brasil, a partir do trânsito de franceses na América Latina, Wiener e Sert são europeus radicados nos EUA que se voltam para a costa do Pacífico — mas poderíamos também dizer caribenha — dentro de um outro circuito de ideias e de relações políticas e culturais dos Estados Unidos com a América Latina. Deste modo, a América Latina apresenta-se por uma realidade multifacetada de difícil apreensão que se conhece por primas variados, ainda que os atores mantenham certos eixos comuns, como a de que nestes "países jovens" haveria um "entusiasmo" para arquitetura e urbanismo modernos.

5. Leituras sobre a América Latina

Observa-se a presença da arquitetura e do urbanismo na América Latina dentro da revista *L'Architecture d'aujourd'hui*, que se colocava como um veículo significativo

de difusão das ideias, concepções e soluções da arquitetura e urbanismo modernos no plano internacional. A própria estrutura da revista, os atores envolvidos na seleção das obras e dos editoriais e o vínculo com os fóruns de debate da arquitetura moderna, especificamente o CIAM, revelam uma trama de atores e ideias que se espalharam por diversos países para além da Europa no pós-guerra. É neste sentido que Tinem (2002) argumenta que as revistas, incluindo *L'Architecture d'aujourd'hui*, no intuito de ampliação do movimento, buscam revelar as experiências modernas em "países longínquos".

A visão sobre as produções na América Latina está marcada pela existência ou ausência dos correspondentes internacionais da revista para que se estabelecesse uma diálogo mais constante ou ainda pelas viagens, realizações ou encomendas aos arquitetos modernos consagrados — estrangeiros à América Latina — como Le Corbusier ou mesmo José Luís Sert. Assim, a narrativa sobre a América Latina difundida na revista francesa é também marcada pela ausência do debate sobre a atividades dos arquitetos do Peru ou Chile, apenas para citar como exemplo experiências significativas e nada isoladas.

A difusão da produção dos países da América Latina na revista francesa muitas vezes teve um papel de confirmação e aplicação dos postulados modernistas em experiências concretas e representou, pelas lentes da revista, um contraponto entre "audácia dos jovens arquitetos modernos e as encomendas dos políticos e empresários brasileiros à timidez da autoridade francesa" (TINEM, 2002, p.202), sobretudo no final dos anos 1940, no momento de definição da política de reconstrução. Deste modo, procurava afirmar a capacidade da arquitetura moderna em responder aos problemas "de seu tempo" e simultaneamente construir espaços de atuação para os arquitetos franceses nas políticas que se delineavam.

De forma diferente, o recurso à paisagem e ao clima, e em Sert e Wiener, à cultura local, remetem a uma busca em vincular a arquitetura moderna à tradição local. Nelci Tinem, ao analisar o papel do Brasil na historiografia da arquitetura moderna, ressalta uma trama narrativa importante através das formulações de Lucio Costa. Diz ela:

[Lucio Costa] Começa a tecer as bases da trama que privilegia o vínculo da produção moderna com a tradição colonial, mais exatamente com a arquitetura portuguesa adaptada ao clima e aos costumes da colônia. Já não se propunha, como no movimento neocolonial, a recuperar formalmente essa arquitetura adaptada ao clima e aos costumes, mas a postura implícita nes-

sa forma de construir. Ou seja, buscava encontrar uma arquitetura vinculada ao lugar, utilizando os princípios modernos da arquitetura. (TINEM, 2002, p.199).

É interessante notar a proximidade da posição de Costa com as formulações de Sert e Wiener para os planos urbanos das cidades peruanas e colombianas. Ainda que com soluções construtivas e urbanísticas diferentes, a leitura da tradição colonial é um recurso relevante. Deste modo, o recurso à adaptação ao clima parece ser uma narrativa utilizada pela revista para aproximar experiências modernas realizadas fora da Europa. Esta foi ao menos a estratégia da edição de 1956, "Califórnia, Venezuela e países quentes", que alinhavou pelo clima as realizações da costa oeste norte-americana, venezuelanas, brasileiras e até mesmo a experiência de Chandigarh na Índia, revelando uma diversidade de soluções modernas difundidas pela revista, no momento mesmo em que o modernismo começava a ser alvo de críticas.

AUTORA

Dinalva Derenzo Roldan possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2007), realizou o mestrado (2012) na mesma instituição no âmbito do projeto temático "São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade" e atualmente desenvolve pesquisa de doutorado na linha de pesquisa Projeto, Espaço e Cultura. Principais temas de pesquisa são: história da cidade, historiografia, ideários urbanos e história do pensamento urbanístico.

NOTAS

1. Este artigo foi desenvolvido no âmbito da pesquisa de doutoramento realizada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e contou com apoio do programa PDSE/ CAPES (2017) e com apoio financeiro do CNPq.
2. Informações obtidas do site da revista. Disponível em: <www.larchitectureaujourd'hui.fr/histoire/>. Acesso em: 18 dez. 2017.
3. Entre 1946 e 1958, os correspondentes brasileiros foram Guita Lenart (1946-1948), Maria Laura Osser (1948-1950), Giuseppina Pirro (1950-1955) e Lina Bo Bardi (1955). Há uma interrupção dos correspondentes em 1955, cuja sucessão é retomada por Artur Lício Pontual em 1958. Rodolfo Möller foi o correspondente da Argentina de 1947 a 1955. Entre 1950 e 1958, o correspondente venezuelano foi Carlos Raul Villanueva, sem alternância; o mesmo ocorreu com Vladimir Kaspé, que foi correspondente do México entre 1948 e 1958. A Colômbia contou com Gomez, Reyes e Santa Maria (1955-1958) e Hernan Vieco (1958) como correspondentes. O Uruguai passou a ter como correspondente Luis Garcia Pardo (1957-1958).
4. Carlos Dávila (1887-1955) foi jornalista chileno. Como diplomata exerceu o cargo de embaixador do Chile nos EUA (1927-31) e teve uma carreira política pelo Partido Socialista no Chile, tendo exercido o cargo de presidente no ano de 1932, após uma Junta Governamental. Em 1933, retornou aos EUA como professor visitante da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, e se dedicou ao jornalismo, sendo correspondente de inúmeros jornais, período em que escreveu a obra *We of the America* (1949). Foi também Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA) de 1954 a 1955 — fundada em encontro realizado na Colômbia em 1948 —, sucedendo ao colombiano Alberto Lleras Camargo, que foi presidente da Colômbia após o governo do General Pinilla, em 1958.

REFERÊNCIAS

- ALMANDOZ, Arturo. Modernización urbanística em América Latina. Luminarias extranjeras y cambios disciplinares, 1900-1960. *Revista Iberoamericana*, VII, 27, 2007, p.59-78.
- APARICIO, Alejandro. La arquitectura de hoy Buenos Aires, Argentina, 1947-1948. In: ROVIRA, T. (org.) *Documentos de Arquitectura Moderna en América Latina 1950-1965*. Barcelona: Institut Català de Cooperació Iberoamericana, 2005, p.18-25.
- BALLENT, Anahí. *El diálogo de los antípodas: Los CIAM y América Latina*. Refundación de lo moderno y nuevo internacionalismo en la pos guerra. Buenos Aires: Secretaría de Investigaciones en Ciencia y Técnica/ FADU, 1995.
- BLOC, André. *Amérique Latine. L'Architecture d'aujourd'hui*, n.10, ano 18, mar. 1947.
- CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. *Arquitetura em revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. 2005. Tese (Doutorado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- COMITÉ DE REDACTION. *Construire da France. L'Architecture d'aujourd'hui*, n.1, ano 15, mai./ jun. 1945.
- FALBEL, Anat. *Arquitetos imigrantes no Brasil: uma questão historiográfica*. In: 6 Seminário Docomomo Brasil, 2005. Niterói, *Anais do 6 Docomomo arquitetura e urbanismo*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. p.1-20.
- GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueira. *Experiência sul-americana: uma lacuna na historiografia brasileira sobre a cidade e o urbanismo*. In: GOMES, M. A. A. F. (org.) *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo 1920-1960*. Salvador: EDUFBA, 2009, p.7-12.
- GOMES, M. A. F.; ESPINOZA, J. C. H. *Diálogos modernistas com a paisagem: Sert e o Town Planning Associates na América do Sul, 1943-1951*. In: GOMES, M. A. A. F. (org.) *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo 1920-1960*. Salvador: EDUFBA, 2009, p.149-176.
- GOODWIN, Philip. *Brazil Builds: Architecture new and old 1652-1942*. Nova Iorque: MOMA, 1943.
- GORELIK, Adrián. *Das vanguardas à Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Architecture Contemporaine dans le monde*, n.52, ano 25, jan./ fev. 1954.
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Architecture Mexicaine*, n.59, ano 26, abr. 1955.
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Brésil*, n.13-14, ano 18, set. 1947.
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Brésil*, n.42-43, ano 23, ago. 1952.
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *California, Venezuela, Construction en pays chauds*, n.67-68, ano 27, out. 1956.
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Habitation Collective*, n.16, ano 19, jan. 1948.
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Habitation Collective*, n.31, ano 20, set. 1950.
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Urbanisme en Amérique Latine*, n.33, ano 20, jan. 1951.
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. *Urbanisme*, n.80, ano 29, out./ nov. 1958.
- LE CORBUSIER. *Precisões sobre um estado presente da arquitetura e urbanismo*. São Paulo: CosacNaify, 2004.
- LIERNUR, Jorge Francisco. *La red austral: obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina (1924-1965)*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012.
- RAGOT, Gilles. *Pierre Vago et les débuts de "L'Architecture d'aujourd'hui" 1930-1940*. *Revue de l'Art*, n.89, p.77-81, 1990.
- TINEM, Nelci. *O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Manufactura, 2002.
- WIENER, P. L.; SERT, J. L. *Conditions générales de l'urbanisme en Amérique Latine. L'Architecture d'aujourd'hui*, n.33, ano 20, p.4-9, jan. 1951.
- XAVIER, Alberto (org.). *Depoimentos de uma geração — arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.